

Pedra das Cruzinhas.

Notícia de um monólito gravado na fronteira entre os concelhos do Sabugal e da Guarda

João Carlos Caninas (*), Francisco Henriques (**), Álvaro Batista (***) e Hugo Pires (****)

Introdução

A Pedra das Cruzinhas, tomando a designação que lhe foi atribuída por um informante local, é uma ocorrência arqueológica, identificada, em Março de 2008, no decurso da elaboração do estudo de incidências ambientais (EincA) (1) do Parque Eólico da Benespera, projecto constituído por dois conjuntos de aerogeradores, espacialmente desconexos (2), situados nos concelhos de Sabugal, Guarda e Belmonte.



Figura 1 - Localização de sítios arqueológicos citados no texto sobre extracto ampliado da Carta Hipsométrica de Portugal à escala 1:600.000 (Instituto Geográfico e Cadastral, s/d). 1. Pedra das Cruzinhas e Cabeço da Figueira. 2. Cabeço de Fráguas. 3. Senhora do Castelo. 4. Serra das Vinhas. 5. São Cornélio.



Figura 2 - Vistas da Pedra das Cruzinhas em 2011. Lado Norte (esq.) e lado Nordeste (dir.)

A singularidade desta rocha, profusamente gravada, maioritariamente com figuras cruciformes, e a circunstância de se conhecerem pouco arqueossítios deste tipo no concelho do Sabugal (AA VV, 2008), motivou o convite que nos foi gentilmente dirigido pelo arqueólogo Marcos Osório para elaboração do presente texto. Trata-se de uma notícia, cujo maior interesse reside na apresentação do método utilizado para “iluminar” os grafismos que cobrem a maior parte da superfície daquela rocha, trabalho executado por um dos signatários (HP).

A Pedra das Cruzinhas mantém-se preservada no interior do Parque Eólico da Benespera, cuja obra decorria em 2011, à data da elaboração deste texto. Reconhecendo-se como positivo o facto deste projecto ter contribuído para a identificação do monumento em apreço, considera-se conveniente, na linha do que é preconizado nos estudos ambientais que antecederam aquela obra, garantir a sua salvaguarda para o futuro, dado estar sujeito a maior risco com a nova acessibilidade instalada naquela área.



Figura 3 - Vista da Pedra das Cruzinhas (ao centro) tirada de Sul para Norte, em 2008.

1. Localização e enquadramento (3)

A Pedra das Cruzinhas (4) situa-se a mais de 800m de altitude (Figuras 1 e 2), sobre uma pequena portela (Figuras 3 a 5), enquadrada por cabeços graníticos proeminentes (Figuras 4 e 6) (5), e a sua posição parece coincidir com a linha de cumeada que forma o limite administrativo



Figura 4 - Vista da Pedra das Cruzinhas (ao centro) tirada de Norte para Sul, em 2008.

entre os concelhos da Guarda e do Sabugal e respectivas freguesias, Benespera e Bendada, em área abrangida pela folha nº 214 da Carta Militar de Portugal.

A parte Norte do Parque Eólico tem a configuração de um reduto natural, delimitado por um circuito perimetral de destacado cabeços de rocha nua, em torno de uma depressão, central, ocupada por diversas chãs e linhas de água. Este *reduto* domina a Oeste um extenso e rectilíneo vale onde se instalaram as ribeiras do Vale da Teixeira e de Maçainhas, ao longo do qual foi construída a Autoestrada A23 e outrora uma linha de caminhos-de-ferro. A Leste, entre a área do Parque Eólico e o imponente Cabeço de Fráguas, corre um vale no qual também se encaixou uma rodovia. Para Norte a topografia é aplanada, estando assinalada pelo topónimo Naves.



Figura 5 - Vista da área do Parque Eólico de Benespera (conjunto sul), tirada de Norte para Sul, a partir do Cabeço Gordo, em 2008. 1. Pedra das Cruzinhas, 2. Cabeço do Bicho, 3. Cabeço da Figueira, 4. Cabeço do Gato.



Figura 6 - Vista da parte Norte do Conjunto Sul do Parque Eólico de Benespera, tirada de Sul para Norte, em 2008. Vê-se Cabeço Gordo, ao fundo, e muro de pedra seca a acompanhar a linha de fronteira.

Esta topografia acidentada tem continuidade na parte Sul do Parque Eólico, que está separada da parte Norte pelo vale da ribeira da Fonte Boa. A parte Sul, onde se situa a Pedra das Cruzinhas, oferece características topográficas idênticas, ocupando o rebordo de falha correspondente ao vale de Maçainhas-Benespera, embora com uma linha de cumeadas mais estendida. Estas alturas permitem exercer uma vigilância de longa distância sobre o corredor natural que liga a baixa do Fundão ao planalto da Guarda, uma zona de trânsito cuja importância é hoje assinalada pelas duas vias já referidas.

Deste modo, a área do Parque Eólico encontra-se encaixada entre duas rotas, seguramente antigas, de orientação Norte-Sul, que acompanham o corredor situado entre as Serras da Estrela e da Malcata (Vilaça, 1995).

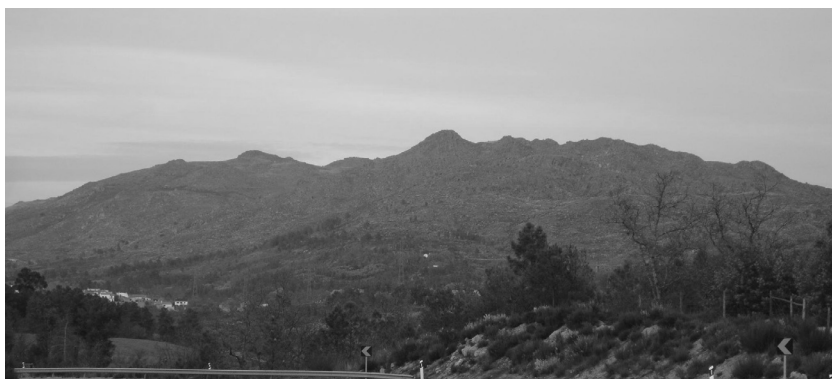
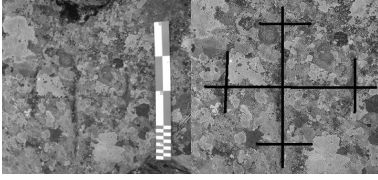


Figura 7 - Vista distante, tomada de SO, da atalaia do Cabeço da Figueira (ao centro).



1. Marca de termo (Serra das Cruzes).



2. Plataforma de assentamento de engenho de sondagem por perfuração vertical (urânio). Observa-se escadaria de pedra seca.



3. Antigo cercado de gado, em forma de recinto ciclópico, de planta elíptica, apoiado em afloramento (nº 75 do EIncA).



4. Abrigo sob afloramento com murete de fecho frontal.



5. Malhão encurvado.



6. Abrigo com cobertura de falsa cúpula, apoiado sobre afloramento.

Figura 8 - Diversos tipos de ocorrências identificadas na área do Parque Eólico de Benespera.

A elaboração do relatório sectorial (Caninas *et al*, 2009) do EIncA permitiu identificar um conjunto numeroso e tipologicamente diversificado de ocorrências (inéditas), tanto no interior do Parque Eólico como no corredor da linha de transporte de energia e na zona envolvente daquelas duas áreas, conforme documentado no quadro anexo (6).

Os dados obtidos na pesquisa documental, que antecedeu os trabalhos de campo, eram maioritariamente de natureza arqueológica e situavam-se em grande parte na zona envolvente do Projecto. O registo mais próximo correspondia a uma granja romana, situada junto à Capela de Santo António (Osório, 2006). No conjunto de sítios, situados na envolvente do projecto eólico, emerge uma significativa rede de povoamento correspondente às Idades do Bronze e do Ferro e à Época Romana (Osório, 2005, 2006, 2008), mas é talvez o Cabeço de Fráguas (Osório, 2005; Santos & Schattner, 2010; Santos, 2010) o sítio arqueológico de maior destaque, facto evidenciado na tradição oral pela sua inclusão numa lenda relativa à fundação da Cidade da Guarda (Gomes, 1997; www.mun-guarda.pt). Situa-se a Leste da parte Norte do Parque Eólico. Este povoado, proeminente, ocupado durante as Idades do Bronze e do Ferro, terá também acolhido um culto de origem indo-europeia evidenciado por inscrição rupestre em caracteres latinos (século II d. C.) que descreve um sacrifício *suovetaurilia* (Curado, 1996), conferindo-lhe estatuto de santuário (7). Na envolvente do corredor da Linha existem outros sítios de altura, muralhados, bem presentes na tradição oral; os povoados da Senhora do Castelo, da Serra das Vinhas e de São Cornélio (Figura 1, Osório, 2005; Osório, 2008; Vilaça, 1995).

Outro dado de interesse, de cronologia mais tardia, relaciona-se com a localização na Benespera da primeira sede da Ordem de Santo Antão, em Portugal, que ali construiu um convento, provavelmente no século XIII (Sousa *et al.*, 2006: 221). Desta edificação não resta a estrutura original e os materiais resultantes da sua demolição podem ter sido utilizados na actual igreja matriz, cujo orago é Santo Antão, que se julga ocupar a área do antigo convento (Gomes, 1997: 35).

Quanto aos resultados dos trabalhos de campo, efectuados no âmbito do EIncA, merecem destaque, além da Pedra das Cruzinhas (sítio 72 no EIncA), três cabeços rochosos (sítios 21 e 76 e 112) (8) com estruturas murárias, um deles com vestígios de ocupação residencial, que se admite corresponderem a posições de vigilância (atalaias) e, ou, de controlo de passagem (9), ligadas a um ou mais lugares centrais, caso do Cabeço de Fráguas, com os quais é intervisível.

O sítio 21 fica na parte Norte do Parque Eólico, a cerca de 1,5km a NO de Cabeço de Fráguas. Os vestígios reduzem-se a alguns derrubes de muros antigos. Poderia ser uma posição de comunicação intermédia com um posto debruçado sobre o extenso vale situado a ocidente. O sítio 76 (Cabeço da Figueira) fica nas proximidades da Pedra das Cruzinhas. Os vestígios ali detectados permitiam qualificá-lo de modo imediato, e de acordo com interpretações correntes, como “povoado fortificado”. Daqui se observa (Figura 7) amplamente a depressão situada entre a Guarda e o Fundão. O sítio 112 (Cabeço da Morte) situa-se cerca de 1Km a SE do sítio da Senhora do Castelo (com níveis de ocupação da Idade do Ferro e Época Romana, Osório, 2005: 39). Tal como no primeiro caso apenas se observa um troço de muro antigo com derrubes significativos.

Também foram identificadas inúmeras rochas insculpidas com marcas cruciformes, que indicam o limite de propriedades antigas e modernas. Algumas destas cruzes serão mais antigas (sítios 39 e 78)

e podem marcar o termo da antiga Ordem de Santo Antão em Benespera. Uma dessas marcas (sítio 39, Figura 8.1) situa-se no topo da Serra das Cruzes, sobranceira à estação ferroviária da Benespera. A outra (sítio 78), semelhante à primeira, foi gravada junto do vértice geodésico Monteiro.

Na parte Norte do Parque Eólico encontram-se inúmeros vestígios de sondagem e exploração de urânio, do início do século XX, nomeadamente cortas e escombrelas. Nesse conjunto, merecem referência, pela sua singularidade, enquanto património industrial, diversas plataformas de pedra seca (Figura 8.2) que podem ter servido como bases, bem niveladas, para a instalação de equipamentos de sondagem, função que é sugerida pela presença de tarolos.

Finalmente, no interior do Parque Eólico observam-se múltiplas marcas de uma actividade agro-pastoril hoje abandonada, evidenciada por morouços, resultantes da despedrega de terrenos de cultivo, de cercados para gado (Figura 8.3) e de pequenos abrigos temporários de diversos tipos, desde os que aproveitam cavidades naturais (Figura 8.4) até aos malhões encurvados (Figura 8.5) e às construções fechadas, com cobertura em falsa cúpula (Figura 8.6), que lembram os abrigos pastorais das Serras do Centro e Norte de Portugal (Oliveira, Galhano & Pereira, 1988). Tem particular interesse, como património construído e etnológico, o conjunto existente nas chãs situadas entre o Cabeço Gordo e o Cabeço da Capela e imediatamente a Sul destes dois relevos.

A terminar interessa caracterizar a envolvente (10) imediata da Pedra das Cruzinhas. Como foi referido, o monumento situa-se na linha de cumeeada, com a qual coincide a fronteira entre municípios, e que parece ser acompanhada por um alinhamento de pedras (Figura 9), que pode ser de um muro muito derruído, pior conservado do que o existente mais a norte (Figura 6). Na encosta, suave, situada a



Figura 9 - Alinhamento de pedras com o monumento (observa-se zona esbranquiçada correspondente a revolvimento por maquinaria).



1. Hipotética mamoa (nº 71 do EIncA).



2. Estrutura adossada a afloramento definindo recinto.

Figura 10 - Estrutura situadas na envolvente da Pedra das Cruzinhas.

Norte da Pedra das Cruzinhas existem diversos socalcos estruturados, inúmeros amontoados de pedras (morouços), uma estrutura definindo pequena câmara (abrigo?) e uma hipotética mamoa (11) (Figura 10.1). Imediatamente a SO da Pedra das Cruzinhas existe uma enigmática estrutura (Figura 10.2) consistindo em alinhamento de pedras definindo recinto adossado a um afloramento (12). A Sul do monumento a encosta atinge pendente elevada e apresenta-se ocupada por inúmeros afloramentos (Figura 4)

2. Metodologia

As características morfológicas da Pedra das Cruzinhas, com superfícies curvas quase totalmente gravadas, e a natureza granítica do suporte, com sulcos muito erodidos, conferiam, como era expectável, elevada dificuldade na delimitação dos seus grafismos por decalque directo e na sua ulterior restituição. Tendo em conta essas limitações e o facto de existirem novas



Figura 11 - Colheita de fotogramas (HP). Cabeço de Fráguas ao fundo.

tecnologias de levantamento, consistindo na criação de um modelo 3D do objecto de estudo, a partir de fotografia, abdicou-se de executar o processo tradicional de decalque directo sobre plástico cristal. A alternativa concretizou-se com a participação nesta equipa de um especialista em modelação, um dos signatários do presente estudo (HP) (13).

2.1. Registo gráfico tridimensional

Com o objectivo de testar a aplicabilidade dos sistemas de digitalização 3D no registo gráfico de gravuras rupestres, levou-se a cabo o levantamento da superfície do afloramento granítico, através de um sistema fotogramétrico de baixo custo e de fácil operação em campo.

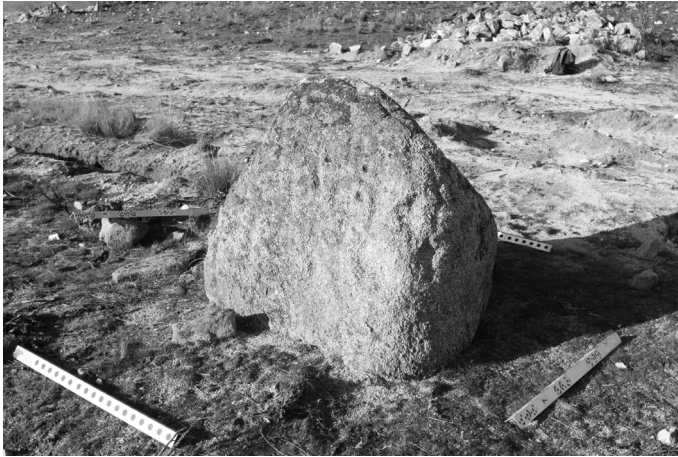


Figura 12 - Fotograma utilizado no levantamento.

O levantamento foi realizado em três fases: recolha de fotogramas e de informação geodésica; processamento fotogramétrico e criação de nuvens de pontos; por último a edição do modelo com vista à produção de registos gráficos planimétricos que permitissem auxiliar o reconhecimento e representação dos motivos gravados.

2.2. Recolha de dados

Durante a campanha fotográfica, realizada com uma câmara fotográfica digital Canon EOS-400D com 10 Mp de resolução, foram capturados cerca de 50 fotogramas do afloramento (Figura 11). Para além da totalidade da superfície rochosa exposta, as imagens registaram ainda alguns objectos colocados propositadamente junto ao afloramento: uma barra graduada, uma bússola e um aparelho de posicionamento global. Estes instrumentos permitiram obter de forma expedita os valores de escala, rotação e translação necessários à georeferenciação do modelo 3D.

Foram ainda seleccionadas e fotografadas duas zonas com gravuras na superfície do afloramento com dimensão de cerca de 20x20cm, tendo por objectivo a realização de modelos de maior resolução destas zonas particulares representando designadamente uma figura antropomórfica e uma zona com sobreposição de cruciformes.

2.3. Processamento fotogramétrico

Após a criação do modelo fotogramétrico, correspondendo esta tarefa à determinação da posição e orientação de cada fotograma e dos valores de calibração interna da câmara fotográfica, foram realizadas nuvens de pontos com resolução espacial de cerca de 5mm. Estas nuvens, assim designadas dada a grande densidade dos pontos que as compõem, permitiram criar um modelo 3D que descreve a totalidade da morfologia superficial do afloramento com um nível de detalhe da escala 1:5 e, para as duas zonas de maior detalhe, da escala 1:1.

Os mesmos fotogramas (Figura 12) utilizados para a criação do modelo de superfície foram processados com vista à obtenção de uma textura fotográfica que permitisse a sua percepção visual de forma realista.

2.4. Edição gráfica e geométrica

A partir dos modelos 3D foram produzidos diversas representações planimétricas, tendo-se para tal decomposto a forma do afloramento em cíclo faces, convertendo-as em planos de projecção ortofotográficos. Para cada um destes planos foram produzidos três registos não interpretados designadamente, ortofotografia (Figura 13), ortoimagem (Figuras 14 e 15) do relevo aparente e ortoimagens bicromáticas (Figura 16) e policromáticas da profundidade das gravuras.

2.5. Avaliação dos resultados

O método aplicado, de grande rapidez e baixo custo, permitiu efectuar o registo integral do afloramento respeitando a sua forma e contexto ou seja, registando não só as gravuras existentes mas também as suas relações espaciais com as restantes gravuras e com o suporte no seu todo.

Os resultados obtidos permitiram mimetizar alguns dos métodos



Figura 13 - Ortofotografia de uma das faces do monumento.

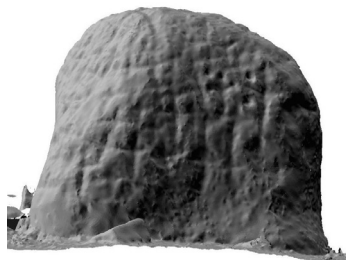


Figura 14 - Ortoimagem da mesma face do monumento representada na figura anterior.

tradicionais de registo como sejam a observação das gravuras através de luz rasante e a pintura bicromática da superfície do afloramento tendo em vista realçar as zonas gravadas das restantes. Durante todo este processo não foi necessário entrar em contacto directo com o objecto em estudo nem efectuar qualquer acção mecânica sobre a sua superfície, pelo que podemos afirmar que a metodologia utilizada preserva a integridade dos suportes em estudo, fornecendo em simultâneo mais informação

que aquela que poderia ser obtida através dos processos tradicionais de decalque.

3. Caracterização e interpretação

A Pedra das Cruzinhas é um monólito granítico que se destaca 100cm acima do solo. A secção junto à base é subtrapezoidal (Figura 17), sendo as dimensões ortogonais 130cm (largura) e 110cm (espessura). A sua superfície pode ser decomposta em diferentes faces, verticais, moderadamente convexas, a maioria, ou ligeiramente côncavas, as que estão voltadas a



Figura 15 - Ortoimagem da gravura antropomórfica da face nascente.

Sul e a Poente. A sua relativa simetria é distorcida pela presença de dois facetamentos oblíquos, opostos, voltados a Nordeste e a Sudoeste, que determinam uma obliquidade na orientação do coroamento do monólito, em relação à forma geométrica da base (Figura 16, vista superior).

Num primeiro olhar, a Pedra das Cruzinhas podia considerar-se um afloramento. Contudo, a presença de blocos fincados no solo, como cunhas, junto da sua base, nos lados Norte e Poente, e a ausência de situações semelhantes na envolvente, sustentam a hipótese de se tratar de um bloco intencionalmente fincado no solo, mas tal carece de confirmação mediante escavação arqueológica.

Não se removeram os líquenes presentes na superfície do monólito, evitando, assim, acelerar a degradação do suporte, com o destacamento de grânulos. A degradação dos grafismos é patente em quase toda a superfície, traduzindo-se, decerto, por efeito erosivo (mecânico e térmico), no alargamento de sulcos, com secção em U e braços divergentes, e no boleamento de arestas. Por outro lado, a dimensão do grão (médio) e a degradação aludida tornam difícil avaliar o modo como as figuras foram gravadas, talvez por picotagem, com ou sem posterior abrasão; este último efeito conserva-se melhor nas duas covinhas presentes no topo do bloco. Apesar destas limitações, a partir da observação visual e com o apoio do levantamento 3D, foi possível identificar a generalidade dos motivos gravados. Deste modo, optou-se por não materializar um levantamento em desenho esquemático, tendo em conta a boa visualização que o modelo utilizado proporciona (Figura 16).

Como modo de ordenar a observação dos grafismos, presentes na superfície do monólito, estabeleceram-se quatro perspectivas frontais, ou faces, verticais, que estão curiosamente orientadas com os quatro pontos cardeais, denominadas face Sul, face Norte, face Nascente e face Poente, na Figura 16. Considerou-se, ainda, uma vista superior. Contudo, tenha-se em atenção que, devido à morfologia da peça, e à ausência de arestas vincadas a separar as referidas faces, as imagens que

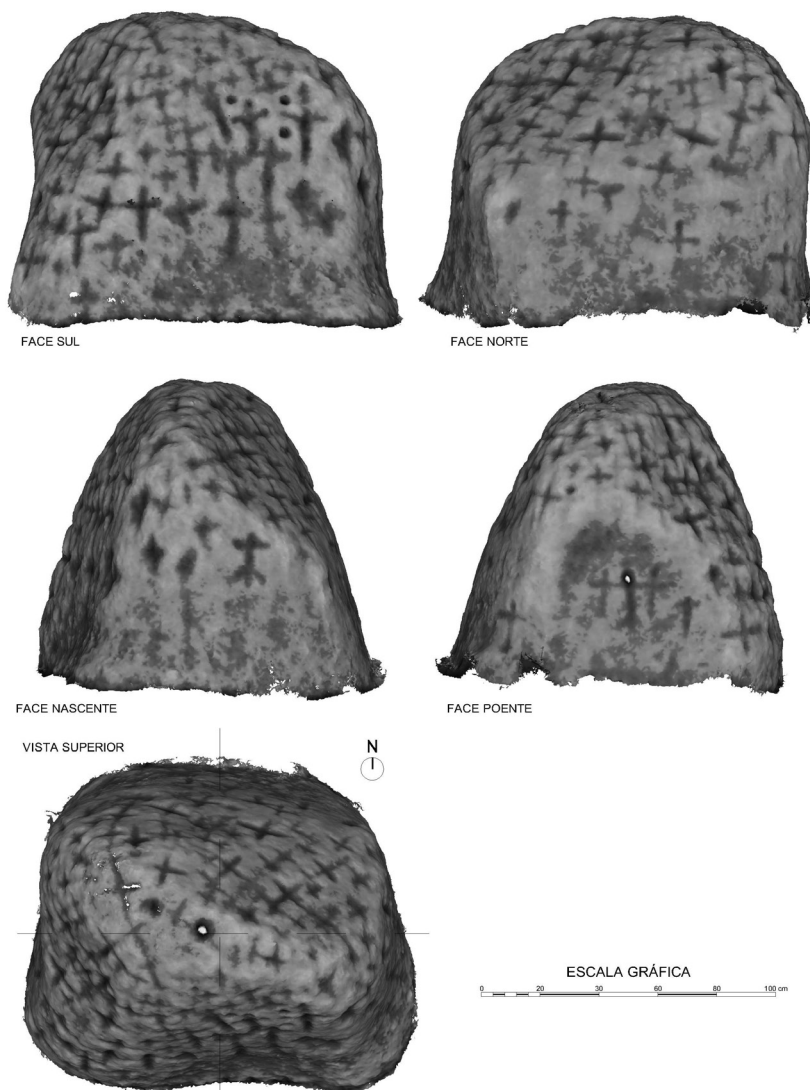


Figura 16 - Modelo 3D após aplicação do bicromático virtual.

essas diferentes perspectivas proporcionam têm figuras comuns. Iremos referir, seguidamente, de modo não exaustivo, os principais motivos gravados na Pedra das Cruzinhas.

O nome popular deste monumento regista, como se confirma facilmente, a presença dominante de figuras cruciformes, simples, ou seja, de símbolos que consistem basicamente na representação de dois segmentos de recta sobrepostos em direcções ortogonais. De facto, os motivos gravados são maioritariamente deste tipo com duas variantes principais: os cruciformes simétricos, em que a intersecção

ocorre sensivelmente a meio de ambos os segmentos e os cruciformes assimétricos (14), em que essa intersecção se faz mais próximo do extremo superior do segmento vertical. No caso dos cruciformes assimétricos o segmento mais comprido ocorre quase sempre em posição vertical. Além dos cruciformes ocorrem várias covinhas e um antropomorfo (ictifálico). Para efeito da presente descrição, e independentemente da sua significação antropomórfica, divorciámos os cruciformes, simples, da figura antropomórfica.

O conjunto gráfico ilustra o chamado “horror ao vazio” (Gomes, 2002: 166), documentado na chamada arte rupestre do Noroeste Peninsular. De facto, as figuras (cruciformes) ocupam de modo exaustivo as várias faces da rocha, escasseando nas que estão voltadas a nascente e a poente e também na parte inferior da superfície, até cerca de 30cm acima do solo actual. Tal densidade traduz-se também na contiguidade entre figuras, seja lateralmente, por contacto entre segmentos horizontais (ou braços, por analogia com uma figura antropomórfica), seja por alinhamento de segmentos verticais (ou troncos, por analogia com um antropomorfo), como se observa entre a face Norte e a face Sul.

A face voltada a Sul proporciona-nos uma das vistas mais impressionantes deste monumento, tal a densidade de motivos gravados. A quantidade de cruciformes assimétricos é superior à dos cruciformes simétricos, com os primeiros a ocuparem a parte central do painel e a estabelecerem continuidades entre si. Os cruciformes simétricos tem menor envergadura que os assimétricos e em alguns casos o contorno da depressão que os materializa aproxima-se da forma quadrangular (15). Três pequenas covinhas, relativamente profundas, estão dispostas em dois alinhamentos ortogonais entre si. Podem ser posteriores à gravação dos cruciformes assimétricos que as envolvem, embora coevas daqueles, se atendermos à regularidade das suas posições relativas. Refira-se que também podem ser covinhas as cavidades que terminam o limite superior do segmento vertical e o extremo direito do segmento horizontal de um daqueles cruciformes.

A face Norte, tal como a face Sul, contém maior número de grafismos, dispondo também de uma maior superfície útil. Esta face pode ser decomposta em dois sectores separados por uma aresta oblíqua. A superfície oblíqua, orientada a NE (lado superior esquerdo, Figura 16) encontra-se mais exaustivamente preenchida com grafismos que a parte vertical. Neste lado parece existir uma maior quantidade de cruciformes simétricos, mesmo considerando os vários alinhamentos verticais de cruzeiros ali presentes, sugerindo outros tipos de figuras, nomeadamente representações directamente apropriáveis como antropomórficas. Contudo, parece-nos que, nesses alinhamentos, os cruciformes simples foram adicionados de modo sucessivo.

Na face poente (Figura 16), considerando apenas a parte central desta perspectiva, que corresponde à superfície ligeiramente concavada, destaca-se, em posição central, uma tríade de cruzeiros assimétricos dispostas em simetria vertical com uma figura maior, e de sulco mais profundo e largo, ladeada por duas figuras de menores dimensões. Conjuntos como este estão documentados noutros sítios; cite-se o caso

da rocha 6A da Chã da Rapada, em Ponte da Barca (Martins, 2006) e do Penedo das Gamelas, em Arraiolos (Correia, 1999). O sulco vertical da figura do meio parece ter um desdobramento na base em três pequenos sulcos, sugerindo um antropomorfo ictifálico, que deste modo estaria em oposição simétrica com o da face nascente. Esta gravação poderia ser mais antiga que os cruciformes assimétricos que a ladeiam. A sua “cabeça” parece alargada em forma de covinha.

Na face nascente (Figura 16), na metade superior da superfície vertical, foram gravados alguns cruciformes simétricos e um antropomorfo ictifálico, estando este deslocado para o lado direito do painel, em situação de aparente subsequência operativa em relação aos cruciformes. Esta última figura confere um particular interesse ao conjunto, tendo em conta a grande latitude de paralelos, cronológicos e geográficos, que lhe podemos emprestar desde a chamada arte do Noroeste até ao complexo da arte do Tejo (Baptista *et al.*, 1978; Gomes, 1987), seja na forma gravada, ao ar livre, ou sob a forma de pinturas em monumentos megalíticos (ex. Arquinha da Moura, Cunha, 1995) e em abrigos (ex. Lapedo, Martins, 2005), denotando longa pervivência desta forma de representar a figura humana. A sua situação é minoritária no conjunto gráfico representado na Pedra das Cruzinhas, mesmo considerando a possibilidade de existir outro antropomorfo ictifálico na face oposta; tal relação também se verifica noutros conjuntos gráficos (16).

Finalmente, a vista superior (Figura 16) fornece uma perspectiva geral da rocha, embora com acentuada distorção das figuras presentes nas superfícies verticais. Esta vista ilustra a distribuição sistemática e regular das figuras cruciformes por toda a superfície visível e, no lado poente, o extenso sulco que se estende entre a face Norte e a face Sul galgando o topo do monólito. Daremos destaque às duas covinhas inscritas no topo da Pedra das Cruzinhas, uma das quais, a maior, quase no centro geométrico da pedra. Estes dois motivos exibem superfície mais regular, denunciando o emprego de abrasão, e são distintas, também na dimensão, das covinhas da face Sul. A representação de covinhas (17) também está presente noutros conjuntos gráficos já mencionados neste texto, nomeadamente na arte rupestre do Noroeste, a par, como aqui, de figuras cruciformes (González & Barroso, 2003) e antropomórficas.

Poderíamos, com alguma arbitrariedade equiparar a Pedra da Cruzinhas a uma estela (18) ou a um menir (19). Contudo, se atendermos às definições atrás referidas, e apesar das diferentes apropriações que aqueles termos têm sofrido, afigura-se-nos impróprio fazê-lo, seja por razões morfológicas, cronológicas ou funcionais. A objecção a que se considere a Pedra das Cruzinhas um menir, além da circunstância cronológica, reside no facto de esta não observar, por exemplo, o requisito de ter na altura a sua maior dimensão. Qualificar a Pedra das Cruzinhas como uma estela, também não parece ser apropriado se preponderarmos aspectos como a modelação e afeição da peça, patente em muitos exemplares arqueológicos, características insuficientes no nosso caso. Contudo, uma definição geral, intemporal (20), dá-nos algum crédito. A classificação como marco (21) também não é apropriada, dado que aquele conceito pressupõe pertença a um conjunto definindo um limite,

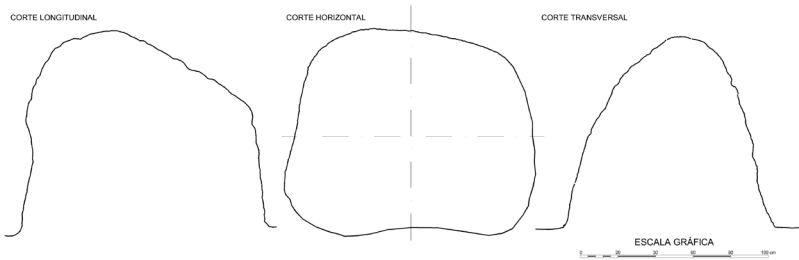


Figura 17 - Pedra das Cruzinhas. Cortes.

considerando, por ora, que a Pedra das Cruzes é uma peça isolada. Mas já poderá considerar-se um marco se provarmos que foi apropriada, ou reutilizada, como limite de território, ultrapassando desse modo a sua singularidade original.

Valorizando a posição topográfica e a singularidade da Pedra das Cruzinhas é tentador compará-la com alguns monumentos conhecidos, casos em que os nomes populares de marco e anta se misturam. Começamos por destacar o Marco da Anta (Silva *et al*, 1989), em Ponte da Barca, e o Marco da Jugada (Silva, 1995), em Arouca. Em ambos casos tratam-se de pequenos monólitos, longilíneos, ou menires, aspecto que os distingue da Pedra das Cruzinhas, mas têm em comum com esta a posição em portelas, pontos de encontro e de cruzamento de vias. Além disso, aqueles dois menires exibem marcas cruciformes, quase duas dezenas no Marco da Anta, além de duas covinhas, e dois no Marco da Jogada. Foi atribuída antiguidade pré-histórica aqueles dois monólitos embora também coincidam com limites territoriais, por apropriação moderna, com ou sem deslocamento das suas posições originais. Tal é também o caso da estela-menir da Caparrosa, em Tondela (Gomes, 1993), também denominada Marco da Anta, peça que foi reutilizada como limite territorial, função documentada nos grafismos mais modernos que exhibe, a cruz de Cristo, a letra T (abreviatura de Tondela) e duas datas, de possíveis confirmações de limites, 1801 e 1804. A pequena “pedra erguida”, ou menir, do Vale de Palha, em Sesimbra (Serrão, 1974), repete novamente algumas das características indicadas, com a gravação de um cruciforme na parte superior da peça e três covinhas abaixo desta, alinhadas e ocupando a parte restante da mesma face, que o autor atribui a diferentes momentos, desde um culto pré-histórico até à cristianização do monumento e talvez do sítio, onde também foi identificada uma necrópole.

Ao invés destes casos, que correspondem a monólitos, mais ou menos afeiçãoados, fincados no solo por mão humana, a Pedra do Cavalo (Perpétuo *et al*, 1999) exemplifica circunstância gráfica semelhante embora sobre um afloramento. Nas duas rochas associadas aquele topónimo predominam, mais uma vez, os cruciformes simples, mas além destes existem alfabetiformes, datas (1779, 1787) e uma marca de termo da Universidade de Coimbra, assinalada pelas letras DE V (Henriques *et al*, 2008), indicando mais uma vez a sua apropriação como limite de propriedade. Contudo, as covinhas e o antropomorfo ictifálico ali

gravados sugerem o início da sua apropriação em época mais recuada (Perpétuo *et al*, 1999).

Exemplo mais próximo da nossa Pedra das Cruzinhas pode encontrar-se, novamente no concelho de Tabuaço, na Pedra das Cruzes, que segundo os autores (Perpétuo *et al*, 1999) foi marco territorial de marcação da fronteira entre as freguesias de Longa e de Arcos. Trata-se de um bloco lajiforme, de face quadrangular, gravado, de modo denso, com 19 cruces simples, na metade superior do painel.

A associação de motivos, cruciformes simples, covinhas e antropomorfos, que se observa na Pedra das Cruzinhas não constitui novidade, sendo muito comum na arte rupestre do território continental, principalmente na chamada área noroeste. Porém, no “nosso” exemplar não se observam outros motivos comuns em conjuntos similares, como antropomorfos em phi, antropomorfos com mãos figuradas, cruciformes com base triangular ou circular, formas geométricas variadas, ferraduras, podomorfos e alfabéticos, indicando a reduzida diversidade iconográfica da Pedra das Cruzinhas e, quiçá, uma menor dispersão temporal. Contudo, a monotonia que lhe poderia ser conferida pelo domínio dos cruciformes simples é quebrada pelas inúmeras coalescências, laterais e verticais, entre esse tipo de figuras, aspecto comum a muitos outros conjuntos estudados no território português.

Quando e que funções desempenhou a Pedra das Cruzinhas com as suas múltiplas gravações? Esta é a pergunta de resposta mais difícil. Quanto à sua antiguidade seria sensato escudarmo-nos nas indecisões e nas disparidades de opiniões (22) acerca do *tempo* das figuras cruciformes, ora consideradas como representações antropomórficas, pré-históricas ou proto-históricas, ora assumidas como marcas medievais ou modernas, seja de cristianização de sítios de antigos cultos pagãos, seja de materialização e confirmação de limites de territórios.

No caso da Pedra das Cruzinhas não rejeitamos esta última hipótese, a de ter servido como marca de termo, mas apenas como sucedâneo ou reutilização moderna, resultante da circunstância da pedra se situar em local sobre o qual foi estabelecido o limite administrativo que hoje separa a Guarda do Sabugal. E o facto de não termos datas, que melhor poderiam indicar momentos de confirmação dessa fronteira, não impede que a Pedra das Cruzinhas tivesse desempenhado tal função. As confirmações de limites, documentadas em inúmeros locais, alguns dos quais já citados neste texto, têm um exemplo bem próximo, no concelho da Guarda, no sítio do Fontão, num conjunto de afloramentos gravados com cruciformes, três datas (1700, 1699, 1855) e uma legenda nomeando a freguesia de Vela (Caninas *et al*, 2008).

A densa carga gráfica inscrita na Pedra das Cruzinhas tem de ter outra explicação primordial, talvez fortemente ritual. Seria tentador estabelecer, também aqui, uma periodização dos grafismos, invocando uma antiguidade pré-histórica (tardia) ou proto-histórica para o antropomorfo ictifálico, juntamente com as covinhas (23) situadas no topo da peça, remetendo os restantes cruciformes para momento posterior. Invocar o contexto proto-histórico (24), expresso na rede de povoamento referida no início e na proximidade do sítio (atalaia?)

do Cabeço da Figueira, ao qual se acederia passando junto da Pedra das Cruzinhas, também não é fundamento suficiente na atribuição de cronologia proto-histórica ao monumento em apreço. A prudência aconselha-nos a procurar resposta a estas questões mediante a escavação do local de implantação da Pedra das Cruzinhas, na busca de outros dados, bem como do montículo situado nas proximidades, para confirmar se corresponde a uma sepultura pré-histórica.

Notas

- (1) Estudo elaborado pela empresa PROCESL Engenharia Hidráulica e Ambiental para o Grupo ENEOP2. O descritor Património Cultural deste estudo, da responsabilidade de EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia (Caninas et al., 2009), foi aprovado pelo IGESPAR I. P.
- (2) O conjunto Norte (Benespera) situa-se no concelho da Guarda, entre a povoação de Benespera, a oeste, e o Cabeço de Fráguas, a leste. O conjunto Sul (Quinta do Souto) situa-se em cumeadas sobranceiras aos lugares de Quinta do Monteiro, Quinta de Santo António e Quinta do Souto e envolve a fronteira entre os concelhos da Guarda, de Belmonte e do Sabugal.
- (3) Este capítulo baseia-se no relatório sectorial do EInCA do Parque Eólico de Benespera, coordenado por PROCESL.
- (4) Os eventuais interessados num melhor conhecimento do sítio devem solicitar informação aos autores, aos arqueólogos municipais ou aos organismos com tutela sobre o património arqueológico.
- (5) Cabeço Gordo e Cabeço da Capela, a Norte, Cabeço do Bicho e Cabeço da Figueira, a Sul.
- (6) Não se incluem neste quadro as ocorrências identificadas no âmbito de uma alternativa de ligação eléctrica com ligação a Norte (Caninas et al, 2008), que foi abandonada.
- (7) Sobre o tema consultar o nº 6 (2010) da revista de Iberografias, editada pelo Centro de Estudos Ibéricos (Guarda).
- (8) A que podíamos associar, com idênticas características topográficas e suposta função, o Cabeço do Gato (nº R, no anexo), mas onde não se detectaram vestígios de estruturas antigas nem materiais arqueológicas.
- (9) Concebemos tais sítios como posições avançadas no território, de uma comunidade proto-histórica, tal como sucedia nas sociedades complexas do Calcolítico do Sudeste Peninsular ou na Idade Média, destinadas a prevenir, a retardar ou a impedir incursões de grupos vizinhos, através de acessos ocultos, materializados em vales muito encaixados, como os que existem em toda esta zona montanhosa. Marcos Osório (2005, 2008) qualifica como *povoados sentinela* os sítios posicionados na fronteira natural entre a Cova da Beira e a plataforma da Meseta. Interessante é a hipótese que coloca de estes sítios terem estado sob controlo de comunidades cujo território ocuparia as terras baixas, situadas a Sul.
- (10) A área foi percorrida por um incêndio em data posterior à elaboração do EInCA de modo que as fotos tiradas em 2011 são mais ilustrativas.
- (11) Trata-se de amontoado sub-circular de pedras (quartzo e granito) embaladas em terra, com cerca de 11m de diâmetro e 1m de altura. Tem uma ampla depressão na zona central. É a ocorrência 71 do EInCA.

- (12) O espaço interno, de planta equiparável a uma semi-elipse, tem as seguintes dimensões ortogonais (eixos): 540cm x 400cm.
- (13) Esta parceria foi possível graças às indicações dos Profs Doutores Mário Varela Gomes (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa) e Maria de Jesus Sanches (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), que se agradecem.
- (14) Estas duas categorias devem considerar-se como modelos. Na verdade a maioria das representações cruciformes apresentam desvios em relação à descrição acima indicada. Pretende-se identificar a figura-tipo que o gravador tencionou inscrever na rocha.
- (15) Referimo-nos a um efeito que se traduz na eliminação das saliências que definem os cantos entre sulcos ortogonais vizinhos. Tal efeito foi explicado como sendo uma condenação intencional da figura cruciforme, por exemplo, na Cruz da Rodela, em Tabuaço (Henriques et al., 2008), onde se observou um bloco granítico, com cerca de 1m de altura, gravado com cinco cruzeiros, quatro datas (1830, 1831, 1833, e 1839) e outras gravações não identificáveis. Na Pedra da Cruzinhas, sem uma observação microscópica da depressão, é difícil perceber se o efeito é natural ou não.
- (16) Citem-se os casos da rocha 1 da Botelhinha, em Alijó (Lima, 2009), da rocha 15 do Gião, Arcos de Valdevez (Baptista, 1981), da rocha 1 das Sesmarias, Oleiros, na Cordilheira Central, onde se associa a numeroso conjunto de podomorfos (Caninas et al, 2008b), do Penedo de Talisca, Arraiolos (Correia, 1999), ou mais próximo da Pedra das Cruzinhas, o Penedo Gordo, Idanha-a-Nova (Almeida & Ferreira, 1966). Este motivo já é mais frequente na Chã da Rapada, Ponte da Barca (Martins, 2006) ou na Serra do Açor, por exemplo no sítio de Abelheira (Santos e Baptista, em impressão em 2011).
- (17) A mais intemporal e universal representação gráfica, já qualificada como a primeira arte rupestre do mundo (Lorblanchet, 2009), com a mais antiga referência, na gruta de Daraki-Chattan, datada de há 200 mil anos.
- (18) Segundo a definição de Vitor Oliveira Jorge, na Ficha de introdução à Arqueologia associada ao nº 20 da Revista Arqueologia, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 1989.
- (19) Segundo a definição de Vitor Oliveira Jorge, na Ficha de introdução à Arqueologia associada ao nº 12 da Revista Arqueologia, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 1985.
- (20) Estela: “2. monumento monolítico feito em pedra vertical”. In Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Temas e Debates. Lisboa. 2005.
- (21) Marco: “1. pedra oblonga que se junta a outras da mesma espécie para assinalar os limites de um território... 2. qualquer pedra já existente num local, que se usa como sinal de demarcação ou limite territorial”. In Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Temas e Debates. Lisboa. 2005.
- (22) Sobre esta problemática ver por exemplo Baptista (1984), Gomes (2002), Serrão (1974) e os autores que citam.
- (23) Relevante é o achado, em contexto arqueológico, de uma estela com covinhas em Cabeço de Fráguas e a presença de rochas gravadas em torno do santuário que ali existiu (Santos, 2010).
- (24) Não podemos iludir o contexto moderno evidenciado pela actual matriz de povoamento e a inúmeras marcas de humanização presente na área do parque eólico, relacionados com actividade agro-pastoril.

Bibliografia

- AA VV (2008) - *Museu do Sabugal – Colecção Arqueológica*. Pró-Raia Associação de Desenvolvimento Integrado da Raia Centro Norte & Município do Sabugal.
- Almeida, F. de & Ferreira, O. da V. (1966) - Descoberta das primeiras insculturas com figuração humana estilizada nos arredores de Idanha-a-Velha, *Lucerna*, 5. Porto: 425-433.
- Baptista, A. M. (1981) - A Arte do Gião. *Arqueologia*, 3. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Porto: 56-66.
- Baptista, A. M. (1984) - Arte rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva. *Portugália*, 4-5. Porto: 71-88.
- Baptista, A. M.; Martins, M. M. & Serrão, E. C. (1978) - Felskunst im Tejo-Tal, São Simão (Nisa, Portalegre, Portugal). *Madridrer Mitteilungen*, 19. Madrid: 89-101.
- Caninas, J.; Carvalho, L.; Chambino, M. & Batista, A. (2008) - *Relatório sobre a Situação de Referência do Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico do Corredor da Ligação Eléctrica Aérea entre o Parque Eólico da Benespera e a Subestação da Guarda*. Elaborado por EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia para PROCESL Engenharia Hidráulica e Ambiental, Lisboa.
- Caninas, J. C.; Sabrosa, A.; Henriques, F.; Monteiro, J. L.; Carvalho, E.; Batista, A.; Chambino, M.; Henriques, F. Robles; Monteiro, M.; Canha, A.; Carvalho, L. & Germano, A. (2008b) - *Novos dados para o conhecimento da Pré-História Recente do Maciço Central na Beira Interior Sul. Tumuli e Gravuras Rupestres na Serra Vermelha e na Serra de Alvêlos (Oleiros – Castelo Branco)*. Actas das I Jornadas do Património de Belmonte Câmara Municipal de Belmonte: 1-38.
- Caninas, J.; Henriques, F.; Batista, A.; Chambino, M. & Carvalho, L. (2009) - *Relatório de Caracterização do descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico do Estudo de Impacte Ambiental do Parque Eólico da Benespera (Sabugal, Guarda, Belmonte)*. Elaborado por EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia para PROCESL Engenharia Hidráulica e Ambiental, Lisboa.
- Correia, V. (1999) - *El Neolítico de Pavia*. Fac-símile da edição de 1921. Edições Colibri, Lisboa.
- Curado, F. P. (1996) - As inscrições indígenas de Lamas de Moledo e Cabeço de Fráguas. In *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a. C.* Instituto Português de Museus. Lisboa: 154-159.
- Cunha, A. L. (1995) - Anta da Arquinha da Moura (Tondela). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (3). Porto: 133-151.
- Gomes, M. V. (1993) - O marco de Anta ou estela-menir de Caparrosa (Tondela – Viseu). *Estudos Pré-Históricos*, 1. Viseu: 7-27.
- Gomes, M. V. C. (1997) - *Benespera Cabeça da Ordem de Santo Antão em Portugal*. Edição do autor.
- Gomes, M. V. (1987) - *Arte Rupestre no Vale do Tejo, Arqueologia no Vale do Tejo*. Instituto Português do Património Cultural. Lisboa: 26-43.
- Gomes, M. V. (2000) - A Rocha 175 de Fratel – Iconografia e Interpretação. *Estudos Pré-Históricos*, 8. Viseu: 81-112.
- Gomes, M. V. (2002) - Arte Rupestre em Portugal – Perspectiva Sobre o Último Século. *Arqueologia 2000: Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal*. In *Arqueologia e História*, 54. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: 139-194.
- González Cordero, A. & Barroso Bermejo, R. (2003) - El papel de las cazoletas y de los cruciformes en la delimitación del espacio. Grabados y materiales del yacimiento de San Cristóbal (Valdemorales - Zarza de Montánchez, Cáceres). *Norba. Revista de História*, 16. Universidad de Extremadura: 75-121.
- Henriques, F.; Caninas, J. C.; Beites, A.; A. & Monteiro, M. (2008) - *Relatório de Caracterização do Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e*

- Etnológico do Estudo de Impacte Ambiental do Parque Eólico da Serra de Chavões e Sendim (Tabuaço)*. Elaborado por EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia para PROSISTEMAS Consultores de Engenharia SA, Lisboa.
- Lima, A. (2009) - O Outeiro da Botelhinha – Pagarinhos (Alijó): registo e análise do conjunto de rochas gravadas. *Portugália*, 29-30 (nova série). Faculdade de Letras da Universidade do Porto: 85-138.
- Lorblanchet, M. (2009) - As origens da arte. *Cadernos do Côa*, 4. Museu do Côa: 78.
- Martins, A. (2005) - Arqueologia cognitiva em Leiria: a arte rupestre. *Habitantes e habitats. Pré e Proto-História na Bacia do Lis*. Leiria: 106-117.
- Martins, A. (2006) - Gravuras rupestres do Noroeste Peninsular: a Chão da Rapada. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9 (1). Instituto Português de Arqueologia. Lisboa: 47-70.
- Oliveira, E. V.; Galhano, F. & Pereira, B. (1988) - *Construções Primitivas em Portugal*. Publicações Dom Quixote. Lisboa.
- Osório, M. (2005) - Contributos para o estudo do I milénio a.C. no Alto Côa. *Actas das 2ª Jornadas da Beira Interior: Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia*, CEI/ARA. Guarda.
- Osório, M. (2006) - *O Povoamento Romano do Alto Côa*. Territoria, 1. Câmara Municipal da Guarda.
- Osório, M. (2008) - O Povoamento do 1º Milénio a.C. na transição da Meseta para a Cova da Beira (territórios e áreas de influência). *Património I Jornadas*. Câmara Municipal de Belmonte.
- Perpétuo, J. M. A.; Santos, F. J. C.; Carvalho, P. S.; Gomes, L. F. C. & Serra, A. A. (1999) - *Tabuaço – um Passado Presente*. Câmara Municipal de Tabuaço.
- Santos, A. T. & Baptista, A. M. (em impressão em 2011) - *Rock Art in the Iberian Central Chain: the cases of Piódão (Arganil) and Vide (Seia)*. BAR Internacional Series. Oxford.
- Santos, M. J. C. & Schattner, T. G. (2010) - O Santuário de Cabeço de Fráguas através da Arqueologia. *Iberografias*, 6. Revista de Estudos Ibéricos. Guarda: 89-108.
- Santos, M. J. C. (2010) - O Cabeço das Fráguas e a concepção de espaço sagrado na Hispânia indo-europeia. *Iberografias*, 6. Revista de Estudos Ibéricos. Guarda: 131-145.
- Serrão, E. C. (1974) - A estação arqueológica do Vale de Palha (Calhariz). *Estudos Arqueológicos*, 1. Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra. Junta Distrital de Setúbal: 129-154.
- Silva, E. J. L.; Silva, E. M. M. Ribeiro, J. D. A. (1989) - O Menir de Marco da Anta (Ponte da Barca). *Arqueologia*, 19. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, Porto: 63-71.
- Silva, E. J. L. (1995) - Megalitismo da Bacia do Douro (Margem Sul). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (1). Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto.
- Sousa, B. V.; Pina, I. C.; Andrade, M. F. & Santos, M. L. (2006) - *Ordens Religiosas em Portugal: das origens a Trento. Guia histórico*. Livros Horizonte. Lisboa.
- Vilaça, R. (1995) - A Idade do Bronze na Beira Baixa. In *A Idade do Bronze em Portugal – Discursos de Poder*. Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa: 127-129.

(*) Arqueólogo, EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia (Lisboa). emerita@sapo.pt

(**) Arqueólogo, Associação de Estudos do Alto Tejo (Vila Velha de Ródão). altotejo@gmail.com e www.altotejo.org

(***) Assistente de arqueólogo, Associação de Estudos do Alto Tejo (Vila Velha de Ródão). altotejo@gmail.com

(****) Topógrafo, SUPERFÍCIE Soluções Geográficas (Porto). hpires@superficie.pt

Anexo

Inventário de ocorrências de interesse cultural na área de estudo do Parque Eólico da Benespera (seg. Caninas *et al*, 2009)

Referência	Tipologia	Inserção no Projecto (AI, ZE), Estatuto (ES), Categoria (AA, AE) e Valor Cultural (valores indicados no interior das células)						Cronologia					
		AI			ZE			P A	P R	F R	E R	M C	In d
		E S	A A	AE	E S	A A	A E						
	A				INV	5			B		ER		
	B				INV	5			B	F	ER		
	C				INV	5					ER		
	D				INV	3	3					MO	
	E				INV	3					ER		
	F				INV	3					ER		
	G				INV	4					ER		
	H				INV	4					ER		
	I				INV	3						M	
	L				INV	5					ER		
	M					div	div					OC	
1						1						MC	
2						3	3					OC	
3						In			PR?	F?			
4						4			NC				
5						3						OC	
6						1						C	
7				1								MC	
8 e 9			1									OC	
10 a 16				1, 2								C	
17							1					OC	
18				1								C	
19							1					OC	
20	N					1							In
21									B?	F?			
22			3									MC	
23			1									C	
24				1								OC	
25				1								OC	
26				1								C	
27			0									C	
28				1								OC	
29				In								C?	
30			1									C	
31				2								OC	
32				1								OC	
33						1						C	
34							1					OC	
35						1	1					OC	
36						1						MC	
37,38							1					OC	
39						3						MO	
40,42							1					OC	
41						1						OC	
43-46				1, 2								C	
47			1, 0									OC	
48				2								C	
49				1								OC	
50-57				1, 2								OC	
58			1, 0									C	
59-61				1, 2								OC	
62				1								OC	
63-66				1, 2								OC	
67			1, In									MC	
68			1									OC	
69-70				1, 2								OC	
71			In										In
72			4			4			B?	F?			
73			2			2	2					OC	
74				1								C	
75				2								OC	
76			4							F?	ER?		
77			1									MC	
78			3									MO	
79-81				1, 2								OC	
82				1								OC	

[illegible]